

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL  
CAMPUS ARAPIRACA  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU  
ESPECIALIZAÇÃO EM ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO**

**LUIZ REGINALDO SILVA**

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR: DESAFIOS E PERSPECTIVAS**

**ARAPIRACA/AL  
2015**

**LUIZ REGINALDO SILVA**

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR: DESAFIOS E PERSPECTIVAS**

*Artigo referente ao Trabalho de Conclusão do  
Curso de Especialização em Alfabetização e  
Letramento da Universidade Federal de Alagoas  
– UFAL, Campus de Arapiraca.*

*Orientador: Profº Dr. Jair Barbosa da Silva*

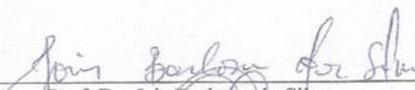
**ARAPIRACA/AL  
2015**

**Luiz Reginaldo Silva**

Avaliação da Aprendizagem Escolar: desafios e perspectivas

Artigo referente ao trabalho de conclusão do curso de Especialização em Alfabetização e Letramento da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Campus de Arapiraca.

Data da aprovação: 04/ 11/ 2015.

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Jair Barbosa da Silva  
Universidade Federal de Alagoas – UFAL  
Campus A. C. Simões  
Orientador

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Luciana Lucente  
Universidade Federal de Alagoas - UFAL  
Campus Arapiraca  
Examinadora

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Camila Tavares Leite  
Universidade Federal de Uberlândia - UFU  
Campus Santa Mônica  
Examinadora



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CAMPUS ARAPIRACA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos quatro dias do mês de novembro de dois mil e quinze, às 13h, reuniu-se a banca examinadora do Trabalho de Conclusão de Curso em **Alfabetização e Letramento**, de **Luiz Reginaldo Silva**, intitulado: *Avaliação da Aprendizagem Escolar: desafios e perspectivas*. Compuseram a banca examinadora os professores **Jair Barbosa da Silva (Orientador)**, **Luciana Lucente, avaliadora 1**, e **Camila Tavares Leite, avaliadora 2**. Após a exposição oral, a candidata foi arguida pelos componentes da banca os quais, em sala reservada, decidiram **APROVAR** o artigo em júri com as seguintes notas: orientador (7,0), avaliadora 1 (7,0) e avaliadora 2 (7,0), perfazendo média (7,0), a qual equivale ao conceito ( C ). Para constar, redigi a presente Ata, que aprovada por todos os presentes, vai assinada por mim, Jair Barbosa da Silva, orientador, e pelos demais membros da banca.

Prof. Dr. Jair Barbosa da Silva  
Universidade Federal de Alagoas - UFAL  
Campus A. G. Simões  
Orientador

Profa. Dra. Luciana Lucente  
Universidade Federal de Alagoas - UFAL  
Campus Arapiraca  
Examinadora

Profa. Dra. Camila Tavares Leite  
Universidade Federal de Uberlândia - UFU  
Campus Santa Mônica  
Examinadora

# AValiação DA APRENDIZAGEM ESCOLAR: DESAFIOS E PERSPECTIVAS<sup>1</sup>

*Luiz Reginaldo Silva<sup>2</sup>*  
*Orientador: Profº Dr. Jair Barbosa da Silva*

## RESUMO

Avaliação é o processo complexo de mensuração e qualificação de aprendizado. Avaliar é indispensável em toda atividade humana. Diante desse contexto percebe-se que a avaliação é inerente e imprescindível, durante todo processo educativo que se realize em um constante trabalho de ação-reflexão-ação. No estudo sobre a avaliação constata-se que alunos e professores frequentemente têm sido alvo de interesses dos avaliadores sob múltiplas e variadas perspectivas. Para tanto, é preciso uma escola comprometida que tenha clareza do seu fazer pedagógico e que realize uma avaliação coerente com seus objetivos educacionais, levando em consideração a necessidade de uma ação cooperativa entre todos os participantes do processo, uma consciência crítica e responsável por todos e uma maior interação entre escola e comunidade, a fim de que possa contribuir para a construção coletiva de um projeto político pedagógico que forme cidadãos comprometidos cientificamente, tecnicamente, ética e politicamente para à formação de uma nova sociedade. A proposta de se pesquisar o processo de avaliação da aprendizagem escolar, é de poder examinar quais concepções de avaliação, métodos utilizados na aprendizagem e outros caminhos para uma avaliação coerente ao aluno.

**Palavras-chave:** avaliação, ensino-aprendizagem, docente, prática pedagógica.

## INTRODUÇÃO

A avaliação representa um dos pontos vitais para o alcance de uma prática pedagógica competente. Avaliar é uma ação pedagógica guiada pela atribuição de valores aos trabalhos dos alunos. Implica conhecer como os conteúdos foram assimilados pelos estudantes a cada fase de escolaridade e reconhecer limites e a

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de pós-graduação *Latu Sensu* – Especialização em Alfabetização e Letramento, da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, campus Arapiraca, sob a coordenação do Profº. Dr. Jair Barbosa da Silva.

<sup>2</sup> Aluno do Curso de Especialização em Alfabetização e Letramento da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, campus Arapiraca, Licenciado em História pela Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, campus Arapiraca, atua como professor em escolas da rede pública municipal de ensino fundamental em Arapiraca e Girau do Ponciano/AL. E-mail: [luizreginaldo44@gmail.com](mailto:luizreginaldo44@gmail.com)

flexibilização necessária para dar oportunidade à coexistência de distintos níveis de aprendizagem.

Percebe-se claramente que a avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente e que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino-aprendizagem, para tanto, é preciso que o educador esteja preparado para uma mudança de concepção, atualizando-se para garantir uma avaliação que contemple o aluno e não o sistema.

No entanto, pode-se notar que em nossas escolas os docentes reduzem a avaliação à cobrança daquilo que o aluno memorizou e usa a nota somente como instrumento de controle, esquecendo que a avaliação deve ser contínua.

Ainda dentro aspecto Hoffmann considera:

Os estudos de avaliação deixam para trás o caminho das verdades absolutas, dos critérios, objetivos, das medidas padronizadas e das estatísticas, para alertar sobre o sentido essencial dos atos avaliativos de interpretação de valor sobre o objeto da avaliação de um agir consciente reflexivo frente às situações avaliadas; em relação à avaliação da aprendizagem apontam novos rumos teóricos, tendo como diferencial básico o papel interativo do avaliador no processo, influenciando e sofrendo influência do contexto avaliado. ( 2003, p. 14-5).

Pretende-se a partir desse estudo, apresentar considerações sobre a importância de repensar constantemente práticas para diagnosticar possíveis dificuldades, discussões pedagógicas incentivando e auxiliando o leitor, principalmente o docente, no sentido de adotar uma postura de maior autonomia e clareza de sua prática, encontrando assim alternativas de superar, ainda que parcialmente, a prática avaliativa que oportunize ao aluno a vivência da cidadania, evitando a classificação, a discriminação e a seleção, garantindo a aprendizagem de qualidade para todos.

Definição básica da avaliação

Avaliação da aprendizagem, é um processo sistemático, contínuo e integral destinado a verificar até que ponto os objetivos institucionais foram alcançados, ou seja, como está o rendimento dos alunos no assunto que está sendo ministrando e no curso que realiza. Avaliar consiste em conferir valores a atributos conforme a importância que apresentem. A avaliação indica uma qualidade, a comparação por meio de análise dos resultados.

De acordo com Libâneo:

A avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem. Através dela, os resultados que vão sendo obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos são comparados com os objetivos propostos, a fim de constatar progressos, dificuldades, reorientar o trabalho para as correções necessárias. (2002, p. 195).

Nesse sentido, a avaliação é um sistema de controle de qualidade que através dele pode-se definir, a cada passo do processo ensino-aprendizagem. Mas a avaliação não se reduz à realização de trabalhos para que se possa fornecer uma nota. “ a avaliação é uma apreciação qualitativa sobre dados relevantes do processo de ensino e aprendizagem que auxilia o professor a tomar decisões sobre o seu trabalho.” (LIBÂNEO, 2002, p. 196).

Estes dados relevantes se tratam das ações didáticas do professor que produz efeito a aprendizagem do aluno, fazendo com que ele alcance os objetivos propostos no processo de ensino-aprendizagem.

Libâneo, conclui definindo a avaliação escolar:

Como um componente do processo de ensino que visa, através da verificação e qualificação dos resultados obtidos, determinar a correspondência destes com os objetivos e, daí orientar a tomada de decisões em relação às atividades didáticas seguintes. (2002, p. 196).

Em sua grande maioria, os professores concebem e praticam a avaliação da aprendizagem, do seu método de escolarização, com uma forte predominância de um modelo tradicional. Isso implica processos classificatórios com uma valorização excessiva de provas, notas, aprovação ou recuperação, negando os acontecimentos cotidianos no processo de ensino-aprendizagem.

Por isso, Vasconcellos nos revela que, se o professor:

Não sabe o que o aluno sabe, como pode interagir para construir? (...) Considerando que o conhecimento novo se dá a partir do prévio, há necessidade do aluno se expressar e do professor acompanhar essa expressão para poder com ela interagir, favorecendo sua elaboração em níveis mais abrangentes e complexos. A avaliação vai se incorporando no próprio trabalho de sala de aula, pois o melhor método de avaliação é o método de ensino. (1998, p. 79).

Em suma, a avaliação pode ser útil para orientar tanto o aluno como o professor: fornece informação ao aluno para melhorar sua atuação e dá elementos ao professor para aperfeiçoar seus procedimentos didáticos, ou seja, a avaliação

deve ser um processo de auto-avaliar, através do qual a participação, a troca, a investigação curiosa, a criatividade, a transferência de aprendizagem, sejam o caminho constante da observação e auto-avaliação em sala de aula tanto do aluno quanto do professor.

### Perspectivas de avaliação

Quando se fala em avaliação do processo ensino-aprendizagem, esta refere-se à verificação do nível de aprendizagem dos alunos, isto é, o que os alunos aprenderam. Existem várias modalidades de avaliação. Dentre as referidas está a diagnóstica, contínua, formativa e somativa.

Avaliação diagnóstica é aquela realizada antes de iniciar um período letivo ou unidade de ensino, fornecendo subsídios para que o educador possa planejar suas aulas atendendo às necessidades específicas daquela turma.

A avaliação preditiva, também chamada avaliação inicial ou avaliação diagnóstica inicial, tem como principal objetivo determinar a situação de cada aluno antes de iniciar um determinado processo de ensino-aprendizagem, para poder adaptá-lo a suas necessidades. (BALLESTER, 2003, p.27).

Quando usada antes de iniciar um assunto, pode servir para o professor verificar os conhecimentos prévios dos alunos, se este possui ou não habilidades necessárias para aprender aquela disciplina, ou seja, se possui pré-requisitos para tal. É também utilizada para caracterizar eventuais problemas de aprendizagem e identificar suas possíveis causas, numa tentativa de resolvê-los não tendo a finalidade de atribuir nota.

Avaliação contínua ocorre ao longo do processo ensino e aprendizagem no qual o educador(a), poderá selecionar e alencar os instrumentos avaliativos que serão utilizados a partir das competências e habilidades básicas de cada componente curricular.

Avaliação cumulativa, por ser um processo gradativo da aprendizagem, fortalecendo o conhecimento construído pelo educando e, servindo de “ponte”, para as novas aprendizagens.

Avaliação formativa com função de controle é realizada em todo o decorrer do período letivo, com a finalidade de verificar se os objetivos estabelecidos para a aprendizagem foram atingidos e tem como propósito fundamental um caráter formativo e verifica se o aluno está conseguindo dominar os objetivos previstos, sob a forma de conhecimento, habilidades e atitudes contribuindo também para o aperfeiçoamento da ação docente. Visa essencialmente, determinar se o aluno domina progressivamente e claramente cada etapa do conhecimento, porque antes de passar para outra fase de ensino-aprendizagem, os objetivos em questão, de uma forma ou de outra devem ter sido alcançados.

Ballester (2003) salienta que se um estudante não aprende, não é apenas porquê não estuda ou não possui capacidades mínimas: a causa pode estar nas atividades que lhe são propostas.

Neste sentido, é fundamental o planeamento de atividades significativas e desafiadoras. É essencialmente através da avaliação formativa que o aluno conhece seus erros e acertos e encontra estímulo para um estudo sistemático.

“Os erros são objetos de estudo, pois revelam a natureza das representações ou estratégias elaboradas pelo estudante. Por meio dos erros, pode-se diagnosticar que tipo de dificuldade têm os estudantes. (BALLESTER, 2003, p. 30). Ou seja, oferece ao educador a oportunidade de reformular seus métodos, caso necessário buscando corrigir algumas falhas.

Essa espécie de avaliação é basicamente orientadora, pois orienta tanto o estudo do aluno como o trabalho do professor. Serve também como controle de qualidade, para assegurar que cada ciclo novo de ensino-aprendizagem alcance resultados tão bons ou melhores que os anteriores. Encontra-se tão presente no discurso quanto ausente nas práticas atuais.

Outro componente bastante significativo na avaliação formativa, que irá despertar no aluno maior interesse pelo seu processo de aprendizagem é o feedback, seja ele advindo do professor ou de um grupo de colegas que pode ser mais bem aceito do que o individual. Esse tipo de avaliação permite a participação dos alunos e aumenta a comunicação entre eles e o professor, sobre sua aprendizagem.

Sabendo-se que a avaliação não começa nem termina na sala de aula, envolve todo o processo de ensino-aprendizagem que vai desde o planeamento até o resultado final, seu atrelamento envolve a proposta pedagógica curricular da escola ao plano de trabalho docente e seus resultados, que serão a base para o reinício de todo o processo, e é extremamente dinâmico.

Ou seja, uma avaliação que não é seguida por uma modificação das práticas do professor tem poucas chances de ser formativa e para que isso aconteça, é necessário que todos profissionais da educação que atuam na escola também tenham oportunidade de se desenvolverem e se atualizarem. O sucesso do seu trabalho conduz ao sucesso do aluno, que para que se efetive a avaliação formativa, é preciso ter como enfoque principal, o educando enquanto ser social e político, sujeito do seu próprio desenvolvimento. Caso contrário, de nada valerão as inovações a ser introduzidas.

Avaliação somativa tem função de classificar os resultados obtidos pelos alunos, tendo como base os níveis de aproveitamentos, realiza-se ao final do bimestre, do ano letivo ou ao final de uma unidade de ensino com a finalidade de proporcionar uma nota ou um conceito classificando o aluno para determinar se ele será aprovado ou reprovado.

Ballester diz: “Que a avaliação somativa [...] pode ter uma função formativa de saber se os alunos adquiriram os comportamentos previstos pelos professores e, em consequência, têm os pré-requisitos necessários para a aprendizagem”. (2003, p. 32). Neste sentido, o mesmo instrumento de avaliar pode ser usado em diferentes momentos, mas que esteja destinado a favorecer informações, a respeito da aprendizagem do educando. Avaliação que também verifica o produto da aprendizagem, ou seja, o que resultou do trabalho do educando e do docente.

Uma avaliação somativa possui função social de assegurar que as características dos estudantes respondam a determinadas exigências feitas pelo sistema. Porém, tem ainda uma função formativa de descobrir se os alunos conseguiram atingir comportamentos que haviam sido previstos pelos professores e como consequência, possuírem pré-requisitos básicos e necessários para aprendizagens posteriores ou até mesmo aspectos que deveriam ser modificados.

Avaliar, diante de suas variadas concepções, reflete determinada concepção de educação, do papel do professor e do que é o conhecimento. Diferente de outras avaliações, a somativa não é contínua, a decisão é tomada de uma só vez. Ainda que, tenha papel importante no processo ensino-aprendizagem, este tipo de avaliação pouco pode fazer no sentido de corrigir as possíveis falhas desse processo, pois ela ocorre ao final e seus resultados poderão ser aproveitados em cursos futuros.

Na avaliação diagnóstica o fundamental é localizar as deficiências educacionais de cada aluno. Na contínua e cumulativa, é entendida como um processo de apropriação, construção e reconstrução da ação educativa, tem como base a LDB – lei nº 9394/96 (Lei das Diretrizes e Bases da educação) art. 24, inciso V que ressalva que o ato avaliativo deverá não somente ser cumulativa, mas de maneira contínua. Esta, por sua vez, contribui para uma melhor aprendizagem dos alunos, porque informa ao professor como está ocorrendo a aprendizagem e também informa a estes sobre os seus fracassos e sucessos de maneira que os permita analisar situações e fazer uma correção de erros ocorridos nas tarefas.

Esse modo de avaliar a aprendizagem permite verificar a qualidade do processo de ensino fornecendo sucesso no trabalho docente, pois ao constatar que um grupo x de alunos não aprendeu o professor ao invés de classificá-los em aprovados ou reprovados, deve questionar-se para descobrir se as causas do mal desempenho escolar dos alunos não estaria sendo o mal desempenho no seu processo de ensino.

Os tipos de avaliação abordados acima apontam para uma reflexão acerca da função da avaliação que correspondem às seguintes: *diagnosticar* visa fornecer ao educador informações sobre as experiências e conhecimentos adquiridos pelo aluno (pré-requisito), permitindo uma melhor orientação ao seu estudo; *controlar* tem a finalidade de informar ao educador como está sendo desenvolvida a aprendizagem do seu aluno; e *classificar* demonstra comparativamente os resultados obtidos pelos alunos ao final de parte ou de todo o curso. Representa o propósito maior da avaliação, sendo útil para a diferenciação entre os alunos bons, médios e fracos. Tendo como princípio essas avaliações, o professor garante que seus métodos de verificação da aprendizagem são coerentes e eficazes, obtendo assim, resultados seguros e satisfatórios.

### Instrumentos a serviço das metodologias

Como podemos observar os instrumentos de avaliação tem função essencial no processo de ensino-aprendizagem, Hoffmann, coloca como alguns professores veem estes instrumentos:

Para alguns professores, instrumentos de avaliação são os documentos utilizados para registro do desempenho dos alunos: boletins, pareceres e relatórios finais. Para outros, instrumentos de avaliação são entendidos como tarefas e testes aplicados pelo professor que, analisados, servem de dados de acompanhamento do aprendizado do aluno. (2003, p. 118).

Olhando por este ângulo, instrumentos de avaliação são todas as formas, ou seja, testes, trabalhos e tudo que o aluno produzir e que o professor possa observar no processo de aprendizagem. Necessita-se então, de uma reflexão destes instrumentos no contexto da avaliação mediadora, para isso é necessário saber o significado dos termos instrumentos e metodologias, pois alguns educadores se confundem com os dois termos.

#### Segundo Hoffmann:

As metodologias se definem pelas intenções e formas de agir do professor ao avaliar. Referem-se tanto às observações quanto às intervenções do professor frente às necessidades e interesses observados em seus alunos. As observações de tarefas e manifestações dos alunos não é em si mesma, um instrumento, mas ação do professor. Para que os dados observados se constituam em instrumentos, precisam se transformar em registros, sejam essas anotações, conceitos ou notas. (2003, p. 119).

Percebe-se através de sua afirmação que mesmo não sendo a favor das notas, reconhece uma significativa importância nas formas de registros em avaliação. É importante frisar que só a observação sem anotações pode cair no esquecimento e o professor, pode fazer uma avaliação geral sem especificar as informações a respeito do progresso da aprendizagem do aluno.

Os instrumentos avaliativos, que serão utilizados e, as competências avaliadas deverão ser esclarecidas aos alunos, antes de serem aplicados. As correções dos instrumentos avaliativos devem analisar estratégias cognitivas utilizadas pelos alunos. Na elaboração desses instrumentos, o professor deve fazer um intercâmbio, analisando o que foi elaborado e fazendo observações para contribuir com a elaboração.

O professor na sala de aula precisa através dos mais variados instrumentos de avaliação, fazer articulações entre os conceitos construídos pelos alunos e formas mais elaboradas de compreensão da realidade, observações diárias dos alunos, que devem se transformar em dados confiáveis, é certo que o professor não vai ficar o tempo todo só escrevendo a respeito do aluno, nem também tem uma memória que guarde todos os detalhes importantes de cada um.

Constata-se que o professor deverá criar instrumentos e mecanismos de avaliação confiáveis e também um acompanhamento adequado. Conforme Hoffmann (2003) instrumentos de avaliação são, portanto, registros de diferentes naturezas. Sem esquecer que em um momento é o aluno quem registra seus conhecimentos em tarefas, testes, desenhos, seminários, estes são instrumentos criados pelo professor. Em outro momento é o professor quem faz observações sobre o aluno e vai registrando frequentemente, adequando às ações educativas as suas condições.

Desta forma, o educando e educador estarão em constante descobertas, uma vez que através do registro, tanto o professor quanto o aluno despertarão para o que precisam melhorar.

### Repensando a avaliação na escola

Nos últimos anos educadores, governantes e sociedade voltam a atenção para o sentido social e político da avaliação, porque muitas vezes, práticas não se harmonizam com uma educação democrática e as pesquisas neste âmbito não são bem intensificadas. Uma vez que a escola não dá conta dos problemas sociais colocando em risco a educação do educando, impedindo que o mesmo possa avançar de um estágio para outro.

Vive-se em um tempo de mudanças constantes em que os valores são diferentes e é preciso estar preparado para enfrentar esta ambivalência. Conforme argumenta Hoffmann(2003), no seu sentido ético, de juízo do valor, nada mais

natural que a avaliação educacional seja sacudida na virada do milênio. Que escola queremos? A quem ela pertence de direito? O que é aprender nesses novos tempos?

Esses questionamentos feitos por vários estudiosos além de Hoffmann, apontam uma só preocupação que é de vencer um conjunto classificatório de práticas avaliativas colocando-as em sentido ético, de juízo consciente de valor, respeitando as diferenças assumindo compromisso com a aprendizagem criando cidadãos conscientes, deixando assim as verdades absolutas, os critérios, objetivos e medidas padronizadas. Todos que dedicam seus estudos acerca da avaliação alertam, pois há uma grande responsabilidade e obrigação com a aprendizagem do objeto da avaliação.

Hoffmann entende que:

É preciso um esforço coletivo para delinear as setas dos caminhos da avaliação educacional, na direção do seu significado ético de contribuição à evolução da sociedade. A compreensão dos novos rumos exige a reflexão conjunta pelos avaliadores e todos os envolvidos, porque lhes exige retomar concepções de democracia, de cidadania, de direito à educação. Essa compreensão é um compromisso a ser assumido coletivamente. (2003, p. 16).

Nesse sentido, todo o conjunto deverá estar empenhado com a finalidade e o compromisso de trabalhar realmente, na perspectiva de que o aluno aprenda de fato, e que o educador ao avaliar este aluno, o faça com uma concepção formativa, mediadora e incluyente. Uma vez que a prática avaliativa classificatória, se torna uma competição individual e de poder, e a relação professor e aluno torna-se diferente do que propõe as novas práticas.

Os rumos, ou seja, as novas propostas exigem essencialmente o diálogo, a coletividade entre os envolvidos no processo, pois o estabelecimento de uma relação amigável entre os agentes envolvidos na ação educativa torna-se imprescindível para obtenção de resultados significativos.

Portanto, para que o educador renove sua prática deve haver conscientização e uma nova concepção de sua ação, pois sua concepção e ação são o termômetro de sua vida profissional. E, para que este mesmo educador apresente novas ações na sua metodologia é preciso que todo o sistema educacional esteja engajado com um só objetivo, uma avaliação mediadora e significativa.

**Avaliação: uma reflexão da ação**

Nas abordagens de avaliação apresentadas anteriormente, pode-se observar que a avaliação da aprendizagem, compreende julgamentos de valor, e a concepção de avaliação mediadora, trata de uma ação pedagógica reflexiva.

Inúmeras indagações têm sido feitas por alguns educadores, dentre elas a de que setas os nortearão para fazer uma reflexão da ação avaliativa? Este questionamento leva a crê que inúmeras setas devem ser utilizadas pelo educador enquanto pesquisador. A investigação da situação avaliativa, a coleta de dados e muitos outros recursos farão com que o educador possa adquirir princípios necessários a uma ação que promova melhorias na sua prática, mas como já frizado anteriormente é preciso que haja um engajamento de todo o conjunto escolar, uma direção pedagógica auxiliando o educador a traçar princípios para essa nova ação.

“Observa-se, entretanto, que a maioria das escolas e universidades iniciam processos de mudanças alterando normas e práticas avaliativas, ao invés de delinear, com os professores, princípios norteadores de suas práticas.” (HOFFMANN, 2003, p.17).

Estes princípios que nortearão a avaliação do educador devem estar fundados no diálogo, no conhecimento que o educador tem sobre a historicidade do educando, utilizando-se de uma avaliação mediadora que trabalha no que conhece, e não só no que compreende, ajudando o educador a se apropriar de ações que beneficiem aos educandos.

Neste sentido, o avaliador ativo no processo da aprendizagem, faz parte do sucesso ou fracasso do educando. É bom que torne-se parte do sucesso, então neste sentido a escola e professores devem estar preparados para receberem os alunos e não mais os alunos devem estar preparados para a escola.

É necessário que a escola utilize uma proposta pedagógica que se ajuste e favoreça a aprendizagem dos alunos atendendo aos seus ritmos, interesses e singularidades. Entende-se que para avaliar e promover é preciso entender o objetivo da prática destinada a aprendizagem, e que a melhoria dessa ação pedagógica promoverá a aprendizagem do aluno em todos os seus sentidos: afetivo, cognitivo e motor.

O professor por sua vez, se torna neste processo, um investigador mediador e organizador de ideias junto ao seu aluno promovendo uma aprendizagem significativa, criando e recriando, sem perder a observação de cada aluno, sempre interagindo no conjunto.

Conseqüentemente, um educador que segue uma linha de trabalho guiado por essas concepções terá grandes oportunidades de mudar o equivoco existente na cabeça de alguns que ficam inquietos com estas novas concepções de avaliação. Outros recusam-se a “aprender a aprender” para melhor poder ensinar, propiciando resistências e entraves que favorecem para a evasão e o fracasso escolar.

Observa-se atualmente em nossas escolas, um discurso acerca do processo de mudanças no ensino, e por conseqüência na avaliação, mas não há uma preparação do educador para ser um mediador desse novo processo, ou seja,

colocam o educador dentro de uma realidade que ele não está preparado e que não conhece, ou se conhece não tem compromisso.

Os professores habitualmente reagem à novidades. Existe os que são extremamente conservadores por insegurança ou, ainda, excesso de segurança, têm também medo de mudar, ou não querem mudar por que estão contentes com o que estão fazendo. Existe os que adoram mudar, sobretudo quando ninguém lhes cobra resultados, e vivem a procura de uma nova técnica, método ou solução milagrosa. E existe uma maioria que já se frustrou com tantas ondas de mudança curricular ou novas metodologias que lhe são impostas pelo modismos e burocracias das secretarias, que tendem a avaliar o aluno sem saber realmente como, porquê, e para quê.

Concorda-se com a afirmação de Hoffmann, quando diz que:

No meu entender, há sérios entraves em nossas escolas e universidades quanto à efetivação de uma prática avaliativa em consonância a esse primeiro princípio delineador. Ainda há um enorme descompasso entre o pretendido e o realizado pela maioria das instituições educacionais. Com as exigências da LDB nº 9394/96, a maioria dos registros escolar é introduzida por textos que enunciam objetivos ou propósitos de uma avaliação contínua, mas estabelecem normas classificatória e somativa, revelando a manutenção das práticas tradicionais. Tal resistência parece revelar o forte arraigamento da concepção classificatória da avaliação dentre os professores inovadores. (2003, p.18-19).

Está explícito nas escolas, uma falsa ideologia de uma prática avaliativa contínua, no entanto a avaliação é desenvolvida tradicionalmente, com resultados classificatórios e somativos. Olhando por este prisma, precisamos tomar consciência que devemos inverter esse caminho e estar em busca de esclarecimentos que promovam uma ação a favor da aprendizagem do aluno sem discursos demagógicos.

Recuperar ou fazer estudos paralelos?

Entre os trabalhadores da educação percebe-se uma inquietação acerca dos termos: recuperar, ou fazer estudos paralelos? Hoffmann os define da seguinte forma:

O termo recuperação vem sendo tradicionalmente concebido como “repetição, retrocesso, retorno, voltar atrás”. E os estudos paralelos de recuperação, são inerentes a uma prática avaliativa mediadora, com a intenção de subsidiar, provocar, promover a evolução do aluno. (2003, p. 24).

O primeiro termo, e todos os seus adjetivos é bastante conhecido pelos educadores. Sabemos que eles imperam fortemente nas escolas. É uma prática que está absorvida por grande parte de nossos educadores. Esta concepção está centrada nas provas dos finais de bimestres, repetição de testes que já foram feitos,

trabalhos com os temas estudados, separação de turmas, e a insatisfação com turmas numerosas, são aspectos que caracterizam esta prática.

Se o aluno no decorrer do tempo normal de estudo não conseguiu aprender a ponto de adquirir uma nota satisfatória, como irá conseguir recuperar com os instrumentos já conhecidos? É angustiante tanto para o professor quanto para o aluno, porquê o professor?

O segundo termo, aponta para uma reflexão acerca de um trabalho no qual, o educador vai fazer análise frequente, propor novos questionamentos, ações desafiadoras e coerentes. Ele estará sempre mediando e subsidiando o educando nas suas descobertas. É claro que nem todos os alunos vão aprender da mesma forma, uns absorvem com mais facilidade e outros é preciso que o professor descubra a sua deficiência, sempre usando estratégias, para que o obstáculo seja vencido e o aluno avance.

Segundo Hoffmann (2003, p. 25), “estudos paralelos de recuperação consistem em momentos planejados e articulados ao andamento de estudos no cotidiano da sala de aula.”, o que não ocorre normalmente nas escolas.

Na visão de Hoffmann, não é uma avaliação qualquer sem ser planejada, é a preparação de material que caiba na deficiência de cada aluno. É um trabalho pedagógico que compreenda a dificuldade individual dos mesmos, pois o educador vai agir no ponto principal da sua deficiência, promovendo tarefas mais simples para que este entenda situações mais complexas, como por exemplo, tarefas coletivas e as discussões em grupos.

Nesse sentido é indispensável uma mudança na postura dos educadores, sensibilizando-se para melhoria da aprendizagem e atuando efetivamente nas escolas de acordo com os novos paradigmas da educação.

### Resistência a mudanças

Uma questão que é levantada constantemente na educação é a de querer descobrir uma forma de trabalhar a resistência dos docentes com relação as mudanças na escola. Esta resistência pode ter diferentes origens: a falta de conhecimento, de segurança em fazer o novo, defesa psicológica natural diante de situações novas, contra modismos pedagógicos, entre outros, indicam as origens da resistência. Frequentemente lamenta-se que as pessoas têm resistência à mudança, que são acomodadas, têm medo do novo, não têm competência para mudar.

O fato de se ter mais familiaridade, mais tempo de reflexão dedicado a determinado aspecto da realidade não deve colocar o sujeito como o dono da verdade, que necessita ser seguida. Ao contrario, caso se conheça algumas trilhas,

isto deve estar a serviço do grupo, no sentido de ajuda-los e decifrar a realidade, a pensar e fazer juntos algo novo.

Dessa forma, não é tão simples afirmar que o grupo é resistente às mudanças. Na verdade existem muitos fatores que interferem para que de fato ocorra essa mudança tão falada e tão distante da prática. Para que de fato ela ocorra é necessário um repensar não apenas da prática pedagógica ou da formação do docente, mas, ampliar a reflexão para além dos muros da escola, principalmente para as políticas públicas e as condições de trabalho na escola.

#### O papel da equipe diretiva da escola

A mudança da prática da avaliação em sala de aula é como temos analisando amplo e complexo processo. Neste, a equipe diretiva tem um importante papel visto sua influência na criação de um clima organizacional favorável. Quase sempre quando os dirigentes analisam os professores, os rotulam de acomodados, resistentes, incompetentes, entre outros. Caem na linha classificatória e não na transformadora. Deixam de compreendê-los como sujeitos históricos que são contraditórios como quaisquer outros e comprovam o quanto a lógica tradicional de avaliar está impregnada.

No entanto, quem pratica e quem administra a avaliação em grande medida normalmente é o professor e para ajudá-lo, deve ser fixada uma dinâmica de interação com a equipe escolar que facilita o avanço. Inicialmente o acolhimento ao professor em sua realidade, em suas angustias, o reconhecimento das necessidades e dificuldades é fundamental como uma aprendizagem do professor com relação ao seu fazer pedagógico.

Outro ponto marcante é a critica dos acontecimentos, ajudando a compreender a própria participação no problema e a perceber as suas contradições, além de fazer um trabalho em cima da ideia do processo de transformação. A busca de caminhos alternativos, o fornecimento de subsídios e o acompanhamento da caminhada docente no seu conjunto é uma boa indicação para se efetivar um avanço significativo na escola.

Outro que merece seu repensado é quando se fica tentando fazer o trabalho com todo o coletivo escolar e nada avança, uns levantam problemas, outros levantam objeções de tal forma que quando parece que vai avançar tudo volta as origens, causando um desgaste muito grande no grupo, que aos poucos vai desacreditando de qualquer proposta de mudança. Outras vezes a equipe se envolve demais com que não está concordando com o processo e esquece-se de apoiar aqueles que estão tentando colocá-la em prática.

Entendemos que a estratégia pode ser outra, levar a proposta ao coletivo geral, mas trabalhar num primeiro momento, efetivamente como coletivos menores como pessoas que estejam realmente mais abertas, mais dispostas à transformação da prática. O professor se sente muito desprestigiado quando seu trabalho convívência acobertar erros, mas profissionalismo, tratando as coisas na hora e local adequados.

Os desafios a serem enfrentados são enormes. A equipe diretiva deve superar a fragmentação, lutar contra as relações autoritárias que acabam levando a comportamentos passivos, inércia, comodismo, medo de repreensões. É necessário buscar a gestão transparente e participativa visando criar as condições para que a escola possa cumprir seu papel e os professores promoverem a aprendizagem efetiva dos alunos.

#### O perfil do educador/ avaliador

Frequentemente é possível observar, que quando um professor vai iniciar o ano letivo com uma turma, no primeiro contato com os alunos ele já faz uma avaliação. Pressupõe-se que deva fazer uma reflexão inicial do que deve propor àqueles alunos. O educador vai observar o interesse da turma, sua faixa etária, sua realidade sociocultural, possibilidade cognitiva etc, em seguida examinar currículo, o espaço de tempo previsto para desenvolver o seu planejamento. O educador vai pensando nos temas, atividade, que material didático vai ser utilizado, em suma, vai tomando decisões que possibilitem a aprendizagem para aqueles alunos.

Segundo Hoffmann, não será uma tarefa fácil para o educador:

Mas será uma tarefa simples ao educador? De forma alguma. Na verdade, ele contará de início com uma enorme gama de hipóteses e serem conferidas e ajustadas ao longo do processo, decorrente da diversidade dos alunos, da complexidade de cada área de saber, das múltiplas opções e experiências educativas a serem propostas. (2003, p. 86).

Percebe-se que essa prática requer do educador, criticidade e flexibilidade no seu planejamento. Ele vai questionar o aluno que deixar que possa responder para que se possa dar continuidade às observações que o mesmo está fazendo a respeito da sua aprendizagem no decorrer do processo normal.

O objetivo da avaliação não é saber apenas se o aluno apresenta dificuldades em algumas áreas, mas para conhecê-lo e para promover um de situações que tragam curiosidades que promovam a aprendizagem. Estas curiosidades podem partir do educador e até mesmo do aluno em alguns momentos vividos pelo grupo, pois cada um tem ideias diversificadas em relação a determinados questionamentos de maneira que todas estas situações-problema proporcione benefícios à aprendizagem do aluno. Esse desempenho do educador não é aleatório é planejado.

Essa prática avaliativa proposta pelos novos processos está distante da realidade de nossos educadores atualmente. Cabe ao professor por meio de sua interferência pedagógica impulsionar a realização de aprendizagens significativa para os alunos objetivando a qualidade na sua ação pedagógica. O educando sentindo-se seguro estará mais livre em buscar soluções para seu conhecimento.

No entanto, avaliar envolve julgamento da produção objetiva do aluno em função de critérios já preestabelecidos coletivamente, vale salientar que o professor faz parte do processo educativo e tem um papel fundamental para o crescimento do educando, mediando, sugerindo, organizando e motivando a cooperação e autonomia, propondo situações para uma excelente qualidade de ensino.

Nessa perspectiva Hoffmann reforça o papel do professor afirmando que “[...] dito de outro modo, significa fazer, ao longo do processo, proposições desafiadoras a quem é desafiado, o que exige um ajuste constante ao grupo e à diversidade dos alunos” (2003, p. 87). Para o educador atuar de forma crítica e criativa, e para tratar o aluno como pessoa que pode pensar criticamente e autonomamente, é preciso revelar uma atitude crítica e construtiva com relação ao aluno. O compromisso que decorre daí marcará o rumo das ações docentes.

Portanto o professor deve estar preparado para atuar nesse meio e para tomar decisões pessoais arriscadas, tomar posição como única garantia de um agir consciente comprometido que leva à busca de respostas para os objetivos da educação e das exigências pragmáticas visando a compreensão atual dos processos da aprendizagem e da cognição que mudou muito.

#### Avaliar para privilegiar a aprendizagem

Como trabalhar conteúdos escolares que privilegiem verdadeiramente a aprendizagem do aluno? A avaliação escolar, hoje, só faz sentido se tiver intuito de buscar caminhos para a melhor aprendizagem. Sendo assim o professor vai ter que buscar estes caminhos através de pesquisa, reflexão a respeito de seu trabalho docente e usar instrumentos diversificados da avaliação que defina melhor seu fazer pedagógico. Estudiosos apontam a avaliação formativa como sendo o meio mais seguro de promover a aprendizagem, no entanto é necessário fazer um paralelo entre a avaliação formativa e a avaliação somativa, que é a mais utilizada nas escolas.

A avaliação formativa está à frente da somativa e veio para melhorar e garantir o desenvolvimento no caminho da aprendizagem do aluno. Enquanto que a somativa está destinada a somar toda nota que o aluno for adquirindo no decorrer da aprendizagem, ou seja, na medida em que o professor for despejando os conteúdos na sala de aula, ele vai fazendo bimestral, trimestralmente ou como estiver estabelecido no organograma escolar, a data das avaliações e vai

acumulando os resultados quantitativos do aluno. Já podemos ver que tipo de ensino cabe nesta avaliação, o ensino tradicional.

Voltemos nossos pensamentos para a avaliação formativa. O professor trabalha o conteúdo em classe de maneira que o aluno possa construir seu conhecimento mediante o que foi trabalhado. Este docente deixa de ser o passador de informações para ser o mediador de conhecimentos. A média bimestral vai ser enriquecida com as observações diárias e o professor vai usando instrumentos que favoreçam ao aluno nas suas descobertas como pesquisas, seminários e estudos de textos de jornais e revistas. Dessa forma o aluno vai sendo incluído cada vez mais no processo de aprendizagem e o professor regente tem a ideia de que antes valia o ensinar e nos dias atuais a ênfase está no aprender.

Diante dessa premissa, uma avaliação é o complemento da outra, só que a formativa possibilita ao educador usar diversas estratégias e varias formas de avaliar. Os objetivos devem ser formulados claramente e de forma operacional para que seja um guia seguro na definição do que avaliar e na escolha e elaboração dos instrumentos mais adequados a uma avaliação que privilegie a aprendizagem do aluno no meio em que estar inserido.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Uma das grandes dificuldades enfrentadas em nossa educação, sem dúvida, é sobre a temática da avaliação das aprendizagens. Romper com práticas tradicionais que consistem em privilegiar os resultados em detrimento do processo é o grande desafio dos professores comprometidos com um ensino reflexivo e que entendem que a avaliação faz parte desse processo.

Conforme este estudo permitiu, analisar o processo de avaliação da aprendizagem, que ocorre inevitavelmente dentro da escola de ensino fundamental (anos iniciais), conclui-se então que, a reflexão da ação pedagógica assim como a busca da fundamentação teórica e prática devem ser uma constante no trabalho do educador, para que o mesmo possa redimensionar a sua atuação na mira da melhoria do processo ensino-aprendizagem

A preparação (planejamento) e a execução (avaliação) apresentam divergências no que se caracteriza uma falha de coesão de alguns docentes entre o que foi proposto e o que de fato ocorreu em sala de aula. Sendo a avaliação um processo gradual e continuo deve ser visto como um termômetro educativo oferecendo informações sobre o mesmo, tanto para que o professor conheça os resultados de sua ação pedagógica, como para o aluno

acompanhar o seu desempenho. Dessa forma, a avaliação visa analisar os conhecimentos cognitivos, atitudes e habilidades dos alunos com vistas às mudanças comportamentais desejáveis bem como os objetivos propostos.

Necessário se faz que professor e aluno percebam que avaliar é um processo dentro do processo de ensino-aprendizagem, e por isso não termina em um momento, com provas, trabalhos e testes. E que a escola repense e busque novos encaminhamentos sobre a forma de avaliar. Observar e detectar as dificuldades do aluno deve ser uma preocupação constante do professor regente para que possa intervir e promover seu crescimento.

Os docentes mesmo utilizando um pouco do tradicional querem mudanças, e estão atentos ao seu papel de mediador na aprendizagem de seus alunos, como também críticos a sua prática, procurando dentro de sua realidade melhorá-la. Buscam motivar o aluno a ser crítico, participativo, reflexivo e consciente do seu papel de agente transformador da sociedade, mostrando coerência com o tipo de cidadão que querem formar. Apesar de uma determinada maioria ainda não ter formado ou assumido uma postura política e que está mesmo inconscientemente se faz presente em suas falas, demonstra que pode não relacionar as dificuldades para fazer uma análise mais crítica da realidade.

**SILVA, Luiz Reginaldo**

***AValiação da Aprendizagem Escolar: Desafios e Perspectivas***

**Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Campus Arapiraca**

**Curso de Pós-Graduação Lato Sensu - Especialização em Alfabetização e Letramento**

**Alagoas: 2015**

## REFERÊNCIAS

**BALLESTER, Margarita et al.** *Avaliação como apoio à aprendizagem*. Trad. Valério Campos. Porto Alegre: Editora Artmed, 2003.

**BRASIL. [Lei Darcy ribeiro (1996)].** LDB : Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional : Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional [recurso eletrônico]. – 5. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010. 60 p. – (Série Legislação ; n.39)

**BRASIL. Ministério da Educação.** Secretaria da Educação Básica. Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental. *Indagações sobre o currículo: currículo e avaliação*. Brasília, DF, 2007.

**FREIRE, Paulo.** *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e terra, 1996.

**HOFFMANN, Jussara Maria Lerch.** *Avaliar para promover: as setas do caminho*. Porto Alegre: Mediação, 2003.

\_\_\_\_\_. *Avaliação: mito e desafio. uma perspectiva construtivista*. Porto Alegre: Mediação, 1999.

\_\_\_\_\_. *Avaliação formativa ou avaliação mediadora*. In: O jogo do contrário em avaliação. Porto Alegre: Mediação, 2005.

**LIBÂNEO, José Carlos.** *Avaliação Escolar*. In: *Didática*. São Paulo: Cortez, 2002.

**LUCKESI, Cipriano Carlos.** *Avaliação da aprendizagem escolar*. São Paulo: Cortez, 1997.

**SILVA, Janssen Felipe da.** *Avaliação na perspectiva formativa-reguladora: pressupostos teóricos e práticos*. Porto Alegre: Mediação, 2004.

**VASCONCELLOS, Celso dos Santos.** *Avaliação da Aprendizagem – Práticas de Mudança: por uma práxis transformadora*. São Paulo: Libertad, 1998.